



## **Livro-reportagem: “Fotojornalistas: Viver de luz na Cidade do Sol”<sup>1</sup>**

Isabela Alarissa Ricardo dos SANTOS<sup>2</sup>

Itamar de Moraes NOBRE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Propõe-se escrever um livro-reportagem que identifique aspectos diversos do trabalho dos fotojornalistas, através de relatos pessoais de sete profissionais e pessoas ligadas ao jornalismo e a esses primeiros. Diante da digitalização da fotografia e em decorrência da popularização da fotografia, a escolha do tema justifica-se principalmente por não haver registros satisfatórios sobre mudanças da relação entre o profissional e o seu trabalho, além da relação com o seu equipamento e a empresa para a qual presta serviços, seja com vínculo empregatício ou como freelancer. Para isso, os procedimentos metodológicos a serem seguidos são: consulta bibliográfica e realização de entrevistas abertas, para produção das reportagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia digital; fotojornalistas; livro-reportagem; novas tecnologias; jornalismo.

### **1 INTRODUÇÃO**

Para ser repórter fotográfico é preciso ter curiosidade e saber observar minuciosamente cada detalhe das cenas visitadas. Esse tipo de profissional deve ver, interpretar e retratar o que está acontecendo; apenas com imagens. Além disso, a profissão merece atenção especial também porque a fotografia é capaz de atingir um público maior que o texto, pois nem todos sabem ler. E mesmo os que sabem muitas vezes se contentam em ver as imagens, já que estas podem ser interpretadas mais rapidamente e são mais atrativas. Esse poder de sedução também faz com que reportagens ilustradas ganhem mais leitores do que aquelas que só possuem palavras.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela UFRN, email: [isabelaars@yahoo.com.br](mailto:isabelaars@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Dr. do curso de Comunicação Social da UFRN, email: [itanobre@gmail.com](mailto:itanobre@gmail.com).



A fotografia utilizada na imprensa, o seu maior produtor, tem caráter e predominância informativa. Nos jornais, mais que nas revistas, é que os ‘vazios’ dos textos encontram os seus complementos na imagem e vice-versa. Qualquer notícia acompanhada de uma fotografia desperta mais interesse do que outra notícia sem imagem. (LIMA, 1998, p.17)

Apesar das diferentes leituras e papéis que essas linguagens podem ter, o texto deve estar sempre ligado à imagem, quando esta existir, podendo ter duas funções: ancoragem ou etapa, como propôs Roland Barthes.

(...) quando as palavras explicam o que se passa nas imagens, como nas legendas das fotos jornalísticas, o verbal cumpre a função de ancoragem; quando entre palavra e imagem há uma relação complementar, que se resolve na totalidade da mensagem, como nos diálogos das histórias em quadrinhos, o verbal cumpre sua função de etapa. (BARTHES, 1984: 32-33)

Supondo que o texto jornalístico exerce os dois papéis, ancoragem e etapa, essa ligação com a fotografia provoca uma relação direta entre os repórteres de texto e fotográfico.

O dia-a-dia com a equipe de reportagem e dificuldades enfrentadas como a baixa remuneração em Natal e a adaptação às câmeras digitais também são aspectos observados e que não possuem estudos ou registro significativos.

É para descobrir e compartilhar um pouco do modo como os fotojornalistas de Natal veem o mundo e até a própria profissão que surge o livro-reportagem “Fotojornalistas: Viver de luz na Cidade do Sol”.

A expressão “viver de luz” faz referência tanto à técnica fotográfica, que utiliza a luz, como às dificuldades financeiras por que passam os fotojornalistas, em alusão à expressão dita para quem tem dificuldades de conseguir o próprio sustento.

O livro foi realizado entre março de 2009 e março de 2010 e conta com breves biografias profissionais de sete fotojornalistas experientes: Argemiro Lima, Canindé Soares, Ana Maria Cocentino, Carlos Santos, Carlos Silva, Herácles Dantas e João Maria Alves.

Eles foram escolhidos a partir de uma longa pesquisa dos nomes que fazem o jornalismo de imagens na cidade do Natal. Para isto, contamos com a catalogação dos nomes daqueles que são ligados ao Sindicato de Jornalistas do Rio Grande do Norte e à Associação Potiguar de Fotografia (Aphoto), além dos empregados de jornais impressos. Com o auxílio dos colegas de trabalho e contatos com fotógrafos, pesquisamos os perfis profissional e pessoal deles.



Daqueles que trabalham ou trabalharam em veículos de comunicação, foram escolhidos alguns dos que possuem maior tempo de serviço, com exceção de Ana Maria Cocentino, que trabalhou assim por pouco tempo, mas é figura importante dessa história por ter sido uma das primeiras mulheres a fotografar profissionalmente para jornais na cidade. A maioria dos entrevistados tem cerca de 30 anos de profissão, período suficiente para ter presenciado muitas transformações tecnológicas.

Desde 1826, quando foi realizada a primeira fotografia, por Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833), na França, a Fotografia não para de evoluir. Se o livro fosse sobre Fotografia, rapidamente tornar-se-ia obsoleto, mas trata-se de histórias de vida, contadas muitas vezes pelas fotografias que marcaram suas carreiras de alguma forma. Entretanto, durante os relatos pôde-se observar o que essas transformações tecnológicas provocaram em suas vidas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Com a produção do livro “Fotojornalistas: Viver de luz na Cidade do Sol”, por meio da história de repórteres fotográficos de Natal, pudemos obter detalhes da História local, nacional e também da evolução da Fotografia.

### **2.1 DIGITALIZAÇÃO**

Os equipamentos fotográficos têm passado por grandes e variadas modificações. Ousando considerar o advento da fotografia digital a maior dessas mudanças, notamos que os fotógrafos sofreram obstinada pressão por parte do mercado de trabalho, visto que, precisaram atualizar não apenas seus conhecimentos – gerando a necessidade de uma nova formação – mas também seus equipamentos.

Muitos foram forçados a trocar as máquinas, por exigência das empresas onde trabalharam. Outros aderiram à novidade por livre arbítrio e costumam acompanhar as renovações tecnológicas sempre que possível.

O mercado da fotografia social, opção de complemento de renda desses profissionais, se estreitou. Com a proliferação e a facilidade de manuseio das câmeras digitais compactas, a maioria das pessoas tem o seu próprio equipamento, e por mais simples que seja, substitui a figura do fotógrafo em pequenos eventos quando o objetivo é apenas o de fazer registros, sem muito cuidado com as imagens.

Alguns apostam que as câmeras analógicas que hoje conhecemos se tornarão



peças de museu (e até torcem por isto), como é o caso do entrevistado Canindé Soares, da reportagem “De olho no futuro”. Tendo adquirido a primeira câmera digital nos anos 90, diz “abominar” o uso das analógicas.

Há os que preferem se manter um pouco longe dos comentários acerca das novas tecnologias. Argemiro Lima, em “Da argamassa ao flash” faz questão de xingar os termos contemporâneos, apesar de utilizar as digitais e confessar que facilitaram sua vida. Mais que os outros, ele ressalta que o componente humano interfere bem mais na qualidade da foto que o componente tecnológico.

Em contrapartida, alguns fotógrafos continuam mostrando-se relutantes ao uso integral de câmeras digitais e aos *softwares* de manipulação de imagens, como Carlos Silva conta em “O lance perfeito”. Aposentado das redações, ele ainda trabalha como freelancer na área publicitária utilizando as analógicas. Explica: “filme é filme”. Fotógrafos como ele, costumam colocar a fotografia em constante suspeita quanto à sua autenticidade, devido às modificações que são feitas com o auxílio de computadores.

A partir daí, surge o questionamento sobre a ética profissional no fotojornalismo. Até onde se pode manipular imagens que serão usadas como registro e prova de um acontecimento?

Durante esse processo de emersão tecnológica no mundo fotográfico, apesar de as máquinas terem se tornado mais populares -- negando Kubrusly (1983) que caracterizou a profissão, num tempo onde as analógicas reinavam, como um tipo de “clube privado onde só alguns são admitidos” --, tornaram-se também mais caras para quem trabalha na área, visto que, o equipamento digital profissional possui um alto custo além de se fazer necessário o uso de cartões de memória e outros acessórios. Nas redações de jornais, por exemplo, fotojornalistas tiveram que trabalhar, inicialmente, com câmeras amadoras por causa dos preços. Por outro lado, a digitalização pode baratear o produto final, já que não se utiliza filmes nem são necessárias muitas impressões para obtenção de bons resultados, dada a imediata visualização das fotografias.

É dentro do contexto descrito que as reportagens visam também a detalhar as consequências que trouxeram a digitalização da fotografia para fotojornalistas.

Partindo do pressuposto de que essa modernização mudou em diversos aspectos o trabalho dos fotógrafos; os relatos esclarecem quais são os impactos que eles sofreram.

O tema é relevante para a Fotografia, a Comunicação Social e a Sociologia; já



que lida com as relações homem-trabalho e homem-máquina.

## 2.2 LIVRO-REPORTAGEM

Um livro-reportagem pode ser concebido para explorar com mais profundidade temas que já tenham sido muito abordados por jornais e revistas ou temas que não interessam a periódicos, como é o caso de “Fotojornalistas: Viver de luz na Cidade do Sol”. Por estas razões, Eduardo Belo explica que a maioria dos livros do gênero tratam de “biografias, temas históricos, perfis, memórias e relatos de grandes acontecimentos”.

(...) é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. (BELO, 2006. p.41)

## 2.3 HISTÓRIA ORAL

O método de investigação utilizado, a história oral, permite-nos conhecer as versões dos personagens. Para compor a reportagem de alguns biografados, outras pessoas ligadas a eles e também à profissão foram consultadas. Argemiro Lima dividiu a reportagem com sua filha Joana, também fotojornalista; Canindé Soares teve como testemunha de sua dedicação, o fotojornalista e artista plástico Adrovando Claro; Ana Maria Cocentino teve sua história de precursora feminina contada pelo jornalista e empresário Cassiano Arruda Câmara; quem falou sobre João Maria Alves foi a editora de fotografia Ana Silva e sobre Carlos Santos, o filho e premiado fotojornalista Júnior Santos.

Com os entrevistados secundários, foram realizadas entrevistas temáticas. Eles foram provocados a falar sobre a carreira de cada perfilado. Com estes, por suas vezes, foram realizadas entrevistas de história de vida temática, indo de encontro ao que diz ALBERTI, Verena (2004), que diferencia a entrevista de história de vida da entrevista temática.

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos



acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (...). (ALBERTI, 2004, p. 37)

Tendo em vista que os personagens principais não foram questionados sobre família, infância e acontecimentos que precedem sua profissionalização, não poderíamos dizer que houve entrevistas de história de vida. Tampouco pode-se considerá-las entrevistas temáticas, por se tratarem de relatos sobre boa parte de suas vidas. Nesse contexto, caracterizamos a fusão dos dois tipos de interrogatório.

Todos demonstraram interesse em compartilhar suas experiências profissionais e como se trata de biografias, a técnica utilizada foi da entrevista não-diretiva (aberta), para que o centro do diálogo fosse o entrevistado. Descrita por MEDINA, Cremilda (2001) a partir da proposição de Carl Rogers sob a ótica de Edgar Morin, esse tipo de entrevista goza de algumas vantagens.

Eis algumas possibilidades de enriquecimento informativo na entrevista aberta, sem a camisa-de-força do questionário fechado: o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação. (MEDINA, 2001, p. 11)

Incorre-se ainda o risco de haver trechos inverídicos, em qualquer que seja o tipo de entrevista. Apesar de o discurso oral enriquecer a pesquisa como nenhuma outra técnica, principalmente no que diz respeito a biografias.

A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ele corre o risco permanente de dissimulação ou da fabulação. (MORIN, 1973, p. 120)

Não havendo formas para averiguar a veracidade dos relatos, a técnica da reportagem utiliza sempre o discurso direto e a modalização em discurso segundo, como recomenda Maingueneau.

o discurso relatado constitui uma enunciação sobre outra enunciação; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante. Existe, todavia, um modo mais simples e mais discreto para um enunciador indicar que não é o responsável por um enunciado: basta-lhe indicar que está se apoiando em outro discurso: fala-se então de modalização em discurso segundo (MAINGUENEAU, 2008, p.139)

Esse tipo de discurso exime a autora do livro de qualquer responsabilidade acerca dos fatos descritos. Eis também a importância de se arquivar cada entrevista,



para possível verificação. As conversas foram gravadas em arquivo mp3, com durações entre 15 minutos e pouco mais de uma hora. Cada entrevistado assinou um termo de cessão de depoimento (ver apêndices), cujo modelo foi formatado por ALBERTI, Verena (2004).

## 2.4 FOTOGRAFIAS

As fotografias foram sugeridas pelos profissionais, sem aviso prévio do número de imagens a serem utilizadas na edição do livro “Fotojornalistas: viver de luz na Cidade do Sol”. Eles as disponibilizaram em arquivos digitais, ampliações em papel fotográfico ou em recortes de jornais.

## 2.5 LEGENDAS

As legendas foram escritas pela autora do livro, de acordo com as reportagens às quais as fotos se referem agora, às vezes fazendo referência até mesmo ao trabalho do fotógrafo. Além de serem apresentadas em outro contexto, muitas delas se perderam de suas referências, os fotógrafos já não sabem as datas precisas de publicação, nem guardam suas legendas originais, geralmente dadas pelos editores.

## 3. PROJETO GRÁFICO

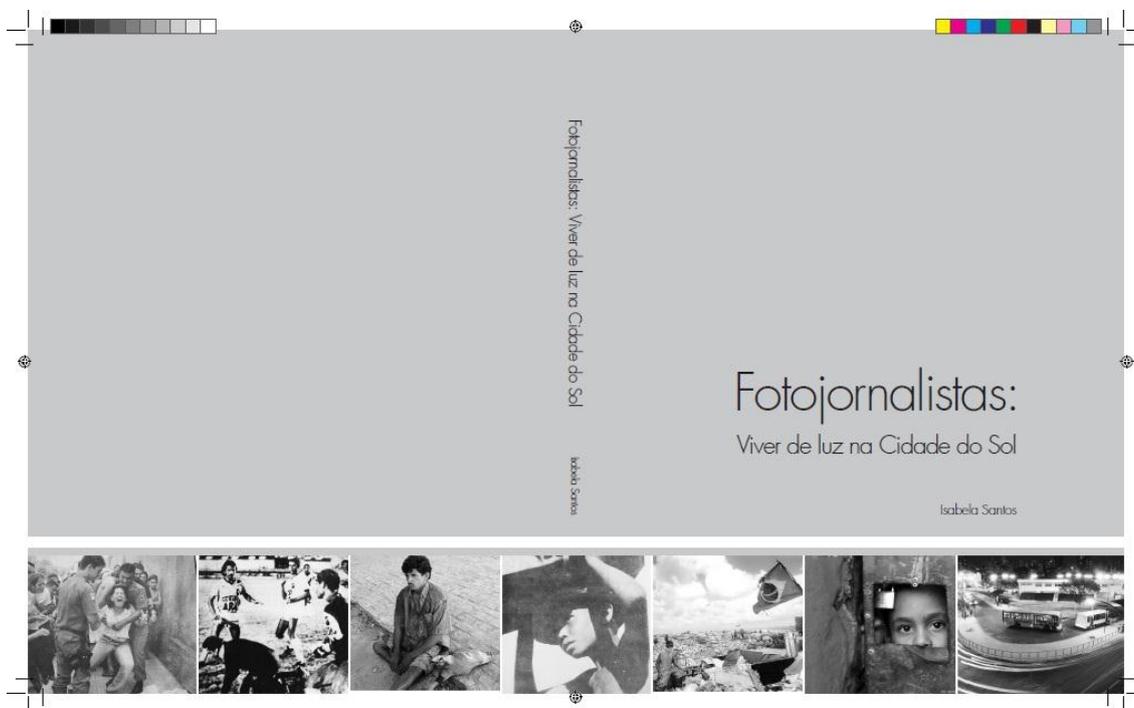
O projeto gráfico de “Fotojornalistas: Viver de luz na Cidade do Sol” foi idealizado junto com o diagramador Leandro Menezes Costa, mediante contrato. Para fins de análise do livro, cabe destacar alguns pontos observados na escolha e na disposição dos elementos.

### 3.1 TIRAGEM

Foram impressos 16 volumes do livro, não comercializáveis, utilizados apenas para fins acadêmicos.

### 3.2 CAPA

O principal objetivo da capa é o de informar do que se trata o livro. Para isto, além de título, subtítulo e nome da autora, foi disposta uma barra contínua (frente e verso) com pequena exposição fotográfica dos personagens do livro na parte inferior.



### 3.3 SUMÁRIO

O sumário apresenta ao leitor as reportagens que o livro traz, o que também faz saber que cada texto pode ser lido separadamente. Embora possua biografias de uma mesma categoria de profissionais, não possui coesão entre os seus capítulos, já que se trata de histórias distintas. O leitor fica livre para ler sobre quem o interessar mais, na ordem que desejar.

### 3.4 PRETO E BRANCO

Apesar do livro falar sobre fotografia, o objetivo maior é de mostrar a relação dos fotógrafos com a profissão, admitindo o quão é importante conhecer os trabalhos deles. Utilizar o preto e branco em todo o livro, inclusive na capa, tenta destacar essa característica, chamando atenção para o texto. A escolha foi também um modo de uniformizar os vários tipos de imagens, que se dividiam em PB e cores. Outro aspecto que influenciou nessa escolha foi o de atenuante das imagens chocantes. Alguns dos



fotógrafos são especializados e até têm predileção por imagens de tragédia, as quais coloridas tornam-se até repulsivas. É o caso da última fotografia do capítulo que fala de Herácles Dantas, “O Caçador de tragédias”.

### 3.5 PAPEL

Todo o livro foi feito em papel Couche Fosco, sendo a capa, de gramatura 230, revestida por uma camada plástica, a fim de lhe conferir brilho e maior durabilidade. No miolo, o material foi menos espesso, de 115 g.

O Couche Fosco foi sugerido pela Gráfica Imprima Express (CNPJ: 07.695.929/0001-21), responsável pela impressão do trabalho. Bastante usado em cartazes, revistas e livros, esse tipo de papel é caracterizado pela lisura de suas folhas e alta microporosidade, o que garante maior intensidade na impressão.

### 3.6 CORPO DO LIVRO

(...) o design de livro está atado inextricavelmente à dupla tradição: como lemos e qual a aparência que o livro deveria ter. Os problemas a solucionar são os mesmos que sempre tivemos. O que importa não é a mecânica de fazer os leiautes, mas descobrir exatamente o design certo e o tipo correto para as palavras do autor. (HENDEL, 2003, p. 6)

Baseando-nos nas palavras de Richard Hendel, podemos destacar os aspectos mais interessantes da diagramação, ou seja, o resultado final: a aparência do livro, podendo excluir do nosso estudo procedimentos técnicos.

### 3.7 FONTE

O corpo do texto foi escrito com Minion Pro, tamanho 12, um tipo serifado, ou seja, possui pequenos traços que rematam os terminais das letras.

ABCDEFGHIJKLMNO  
PQRSTUVWXYZÀÁÊ  
abcdefghijklmnpqrstu  
vwxyzàáêíõø&1234567  
8901234567890(\$£€.!,?)



As serifas funcionam como uma ligação entre elas, facilitando a leitura, e estão presentes nas letras preferidas por publicações de leitura prolongada, como livros, jornais e revistas.

A família Minion é amplamente utilizada nos livros de texto extensos contemporâneos. Realmente, nenhuma fonte é tão econômica, e, tendo altura levemente elevada, tão legível, para a composição de livros de texto em geral. (MEIRINHO, 2009)

Todas as demais fontes receberam tipos sem serifas. Veja a Tabela de Projeto Gráfico e Orçamento (p. 23).

### 3.8 NÚMERO DE PÁGINAS

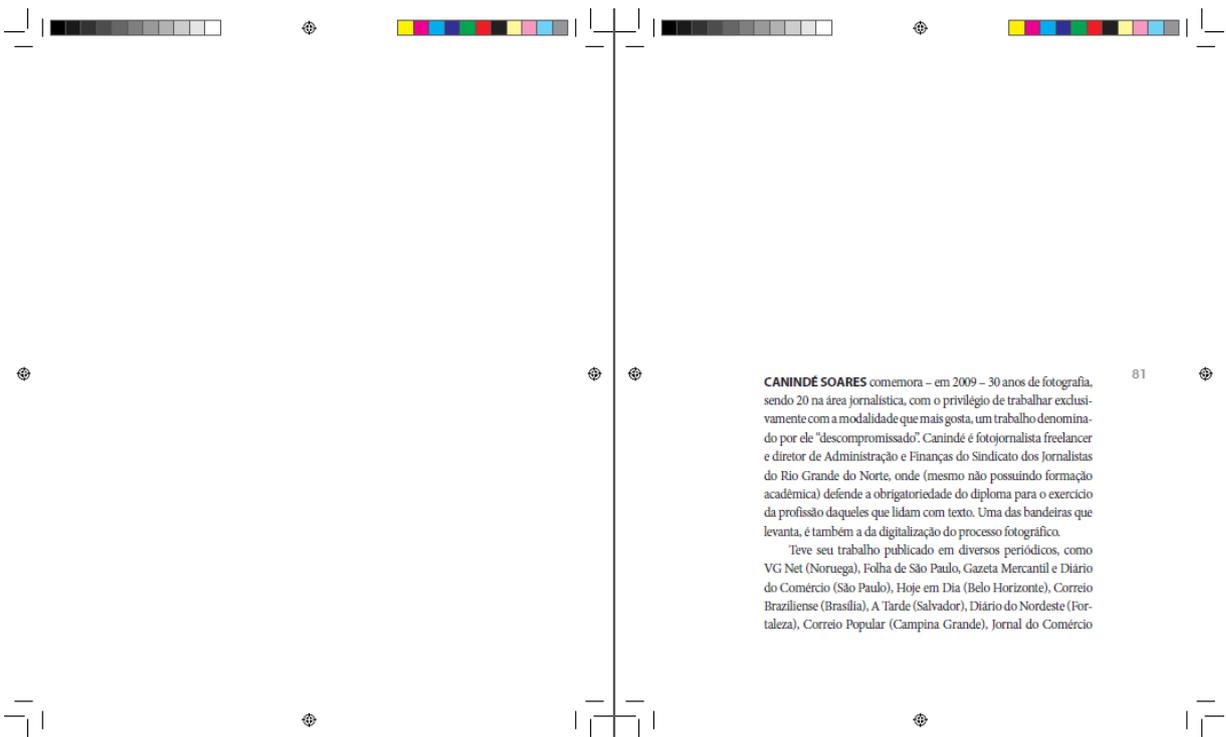
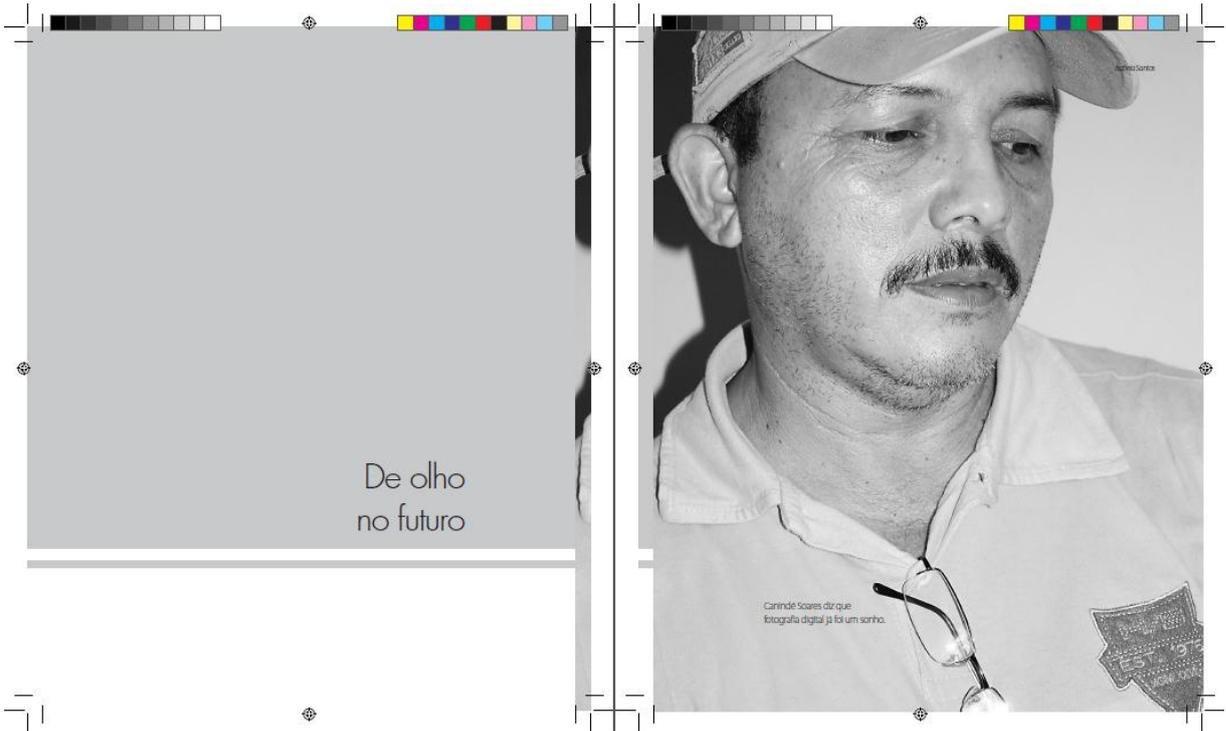
Quanto à quantidade de páginas de livros, a única observação a ser feita é do número mínimo.

Além de uma linguagem um tanto diferente da do jornal ou da televisão, uma obra precisa ter no mínimo 48 páginas impressas para ser considerado livro, no Brasil. Se tiver menos não é livro. Pode ser livreto, folheto, catálogo, prospecto. (BELO, Eduardo, 2006, p. 42)

“Fotojornalistas: Viver de Luz na Cidade do Sol” possui 158 páginas impressas. Os números foram postos no meio da margem externa de cada página. Além de gerar uma estética diferenciada da convencional, cujos algarismos se encontram na parte inferior das páginas, a numeração ganha posição de destaque, já que por causa das fotografias, muitas vezes é suprimida.

### 3.9 CAPITULARES

Para marcar o início de cada reportagem, foram usadas fontes capitulares. No lugar de destacar apenas a primeira letra do texto, cada primeiro período lógico foi escrito em caixa alta, sendo encerrado em uma palavra ou em uma frase completa. A função desse recurso é a de ajudar os olhos a encontrarem o início da matéria, mas acabou se tornando um recurso estilístico. No livro, os capítulos já são divididos com o auxílio de outras ferramentas. Cada um recebe página inteira para título, além de alguma fotografia de abertura da reportagem.



**CANINDÉ SOARES** comemora – em 2009 – 30 anos de fotografia, sendo 20 na área jornalística, com o privilégio de trabalhar exclusivamente com a modalidade que mais gosta, um trabalho denominado por ele "descompromissado". Canindé é fotógrafo freelancer e diretor de Administração e Finanças do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Norte, onde (mesmo não possuindo formação acadêmica) defende a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão daqueles que lidam com texto. Uma das bandeiras que levanta, é também a da digitalização do processo fotográfico.

Teve seu trabalho publicado em diversos periódicos, como VG Net (Noruega), Folha de São Paulo, Gazeta Mercantil e Diário do Comércio (São Paulo), Hoje em Dia (Belo Horizonte), Correio Braziliense (Brasília), A Tarde (Salvador), Diário do Nordeste (Fortaleza), Correio Popular (Campina Grande), Jornal do Comércio



### Tabela de Projeto Gráfico e Orçamento

Número de páginas	158
Tamanho aberto	34 cm x 20.7 cm
Tamanho fechado	16 cm x 20.7 cm
Tipo de papel capa	Couché Fosco 230 g
Tipo de papel miolo	Couché Fosco 115 g
Plastificação da capa	Brilho
Lombada	9 mm
Tipo e tamanho da fonte da capa	Futura Light; 48, 23 e 13, para o título do livro, e 16 e 10, para lombada
Tipo e tamanho da fonte do Sumário, Agradecimentos e Conclusão	Futura Light, 25
Tipo e tamanho da fonte dos títulos dos capítulos	Futura Light, 30
Tipo e tamanho da fonte do texto	Minion Pro, 12
Tipo e tamanho da fonte das legendas e notas de rodapé	Myriad Pro, 09
Tipo e tamanho da fonte dos créditos das fotografias	Myriad Pro, 07
Tipo de impressão	Laser preto
Número de volumes	16
Valor unitário	R\$ 53,125
Valor total da impressão	R\$ 850
Valor da diagramação	R\$ 150
Valor total	R\$ 1.000

## 5 CONCLUSÃO

Os fotojornalistas sabem que a função que desempenham se divide entre o encanto que provocam boas imagens e a informação que são capazes de transmitir. Por isso, em geral há tanto empenho. Entretanto, muitas vezes a veracidade dessas imagens é questionada, principalmente por causa da digitalização e dos avançados softwares de



manipulação. Um ponto levantado pelo entrevistado Argemiro Lima é que a fotografia não precisava ser digital para que houvesse manipulação. Indo além do tempo cronológico citado por ele, pode-se falar ainda no processo pelo qual passavam as primeiras fotografias impressas em jornais.

Desde a publicação, na imprensa, da primeira ilustração a partir de uma fotografia – em 1842, das ruínas de um incêndio num dos bairros de Hamburgo, na Alemanha –, que a fidelidade de suas informações é questionada. Na época, como as técnicas de impressão eram rudimentares, as fotografias tinham que ser “copiadas” (entalhadas) por um gravurista antes de serem reproduzidas. Este vez ou outra alterava as informações contidas no original. (ALMEIDA e BONI, 2006, pág. 13)

O processo é descrito pelo empresário Cassiano Arruda, que cita os entalhes pelo nome “clichê”, dando ênfase à reprodutibilidade das fotografias. Deste modo, a ética profissional está sempre sob suspeita. De acordo com Canindé Soares, somente o tempo faz saber quem pode ser confiável nesse mercado, onde é preciso sempre se destacar muito e “construir um nome”.

Naqueles que trabalham em redações de jornais existe uma característica comum a todos: a procura por uma fonte de renda extra, graças aos baixos salários que as empresas do Rio Grande do Norte pagam. O trabalho freelancer, principalmente o que é feito em eventos, remunera melhor esses profissionais, que, em geral, gastam bastante dinheiro para manter seus equipamentos, muitas vezes vistos como exuberantes. O instrumento do seu trabalho eleva ainda mais a postura dos fotógrafos. O reconhecimento financeiro não condiz com o profissional.

Devido à popularização e à facilidade de manusear as câmeras fotográficas digitais, pode-se afirmar que houve diminuição da procura por esses profissionais e acúmulo de funções para os jornalistas que passaram a fotografar e escrever ao mesmo tempo, caracterizando uma crise na profissão. Mas, em geral, o fotojornalista trabalha em conjunto com o repórter de texto, assim, tem a possibilidade de opinar na matéria, bem como receber sugestões dos colegas.

Todos os entrevistados começaram a fotografar com filme preto e branco e lembram da estética que as câmeras mais antigas tinham, mas enquanto alguns são totalmente adeptos e adaptados às câmeras digitais, formas de armazenamento das imagens e softwares de manipulação; outros dispensam o que chamam de “exageros tecnológicos”.



## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara, rota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- COLLARO, Antônio Celso. **Projeto Gráfico: Teoria e Prática da Diagramação**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.
- FOLTS, James A. Folts; LOVEL, Ronald P. Lovell e JR, Fred C. Zwahlen. **Manual de Fotografia**. São Paulo: Tompsom, 2007.
- HENDEL, Richard. **O Design do Livro**. São Paulo: Atelie Editorial, 2003.
- KOSSOY, Boris. **Hercules Florence – 1833: a descoberta isolada da Fotografia no Brasil**. São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977.
- KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é Fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).
- LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1988.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo : Editora Ática, 1986.
- MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis : Vozes, 1973.



ALMEIDA, Cláudia Maria Teixeira de e BONI, Paulo César. **A ética do fotojornalismo na era digital.** Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1477/1223>

**Fotografia: origens do processo fotográfico.** Disponível em:

<<http://www.cotianet.com.br/photo/hist/indice.htm>>

MARMION, Jorge. **Sampa Online: Curso de Fotografia Digital.** Disponível em:

<[http://www.sampaonline.com.br/especiais/fotografiadigital/fotografia\\_digital.htm](http://www.sampaonline.com.br/especiais/fotografiadigital/fotografia_digital.htm)>

MEIRINHO, Amanda. **Blog Nem por todo chá da China.** Disponível em:  
[nemportodochanachina.blogspot.com/2009\\_08\\_01\\_archive.html](http://nemportodochanachina.blogspot.com/2009_08_01_archive.html)

**Observatório da Imprensa – Editor de fotografia perde importância.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mo050999.htm>>

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia Digital.** Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>